

Edite Azevedo

Assunto: FW: Resposta ao Parecer Proc.o 45.10.01/62/XII

De: Best Spot Azores Dive Center <bestspot.azores@gmail.com>

Enviada: 4 de abril de 2024 17:02

Para: Assuntos Parlamentares <assuntosparlamentares@alra.pt>

Assunto: Resposta ao Parecer Proc.o 45.10.01/62/XII

Exmos Srs

Desde já o nosso obrigado por nos contactarem, de forma a emitirmos o nosso parecer sobre esta petição. Este mesmo parecer, reflete não só a nossa opinião, como biólogo marinho e profissional de mergulho na região faz 26 anos, como a opinião da Comissão de Empresas de Mergulho de São Miguel, a qual representamos.

Por outro lado salientar que esta petição, que continua online, reúne já 4.275 assinaturas.

O assunto das reservas marinhas não é novo. As empresas MT de mergulho, associações locais e cidadãos já alertam para a necessidade das mesmas, faz mais de 60 anos na região. Isto é fruto do facto das pessoas que mergulham terem ao longo destes anos assistido ao decréscimo não só do número de animais que se observavam, como a uma redução drástica do seu tamanho, segundo o DOP, no caso da Ilha de São Miguel, já com redução na ordem dos 80%. Já para não falar dos exemplos das lapas ou dos polvos, apanhadas até à exaustão, sem respeito por épocas de defeso, quantidades ou tamanhos mínimos. Ora isto traz consequências graves, pois muitas destas espécies não conseguem crescer o suficiente para se reproduzirem e darem descendência, um princípio básico da sustentabilidade.

Ao longo deste anos os fundos marinhos têm vindo a ficar vazios de vida marinha, restando pouco mais que uma alga invasora, que cobre grande parte dos fundos. Do ponto de vista das atividades extrativas, alguns dos pontos, principalmente os costeiros, já nem sequer têm capacidade de produzir o suficiente para que sejam rentáveis, sem a ajuda de subsídios.

É como se tivéssemos um galinheiro, e tivéssemos optado por comer o galo, as galinhas, os pintos, os ovos e até mesmo o milho que os alimenta, não pensando no futuro nem como poderíamos continuar a ter produtividade no nosso mar. É no mínimo triste e completamente irresponsável continuarmos neste sentido.

Em muitas regiões do planeta, a solução são as reservas marinhas que proíbem qualquer tipo de atividade extractiva. Exemplo disso são as directrizes da UE que apontam para a necessidade de proteger no mínimo 30% dos nossos mares até 2030, medida em que peca por vir tarde. Em muitos locais foram criadas Áreas Marinhas Protegidas extensas, que permitem por um lado que as espécies se possam desenvolver, reproduzir e expandir para fora das AMP's e capturadas com tamanhos aceitáveis e rentáveis. Por outro lado permite que as atividades não extrativas, como o mergulho, possam usufruir dessas mesmas áreas deixando as mesmas intactas para serem visitadas inúmeras vezes por diferentes pessoas.

Em algumas regiões do mundo o turismo subaquático levou a um crescimento direto de outros sectores, seja hotelaria e alojamento local, restaurantes, transportes, etc, e neste momento as atividades não extrativas contribuem para a PIB de uma forma tão grande que é impensável,

voltar sequer atrás e permitir que as atividades extrativas possam dominar a utilização dos recursos.

Muitos desses Parques Marinhos ou AMP's têm uma gestão própria, para a qual contribuem os seus visitantes que pagam uma taxa para os poder visitar, taxa essa que contribui para a criação de empregos, como vigilantes do parque marinho, e gestão de bóias de amarração das embarcações. Por outro lado contribuem também as coimas elevadas, para quem não cumpre com a não extração de recursos dos parques, e até mesmo perda de licenças.

Um exemplo aqui bem perto é a R.A. da Madeira e Porto Santo, onde faz quase 40 anos que foi criada uma das maiores AMP's nacionais. Onde se continua a aumentar a mesma área e onde até já foram afundadas embarcações para servirem de zona de refúgio às espécies e atrativo às atividades não extrativas, como mergulho ou freediving. Como resultado, vemos de ano para ano as espécies a aumentar de número e tamanho, ao mesmo tempo que a região se torna um destino de referência para a prática de mergulho.

Este é sem dúvida alguma o único caminho a seguir. Se não protegemos agora, todos, sem exceção, vão pagar o preço da falta de recursos e de um mar vazio. Não só as atividades extrativas perdem, passando as mesmas a necessitar ainda de mais apoios do estado, como as não extrativas deixam de ter procura pela falta de qualidade que a região apresenta, resultando em perdas diretas para outros sectores.

Os Açores não se podem promover como destino sustentável, sem ter em consideração o nosso mar e a sua proteção e conservação urgente.

Melhores cumprimentos

Bruno Sérgio
Biólogo Marinho
PADI & SSI Master Instructor

[Redacted signature block]

[Redacted signature block]